

BRINCADEIRAS TRADICIONAIS DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE (1950-1960)

Paloma Vanessa do Nascimento Silva¹
Marina da Silva Lima²
Adauto Neto Fonseca Duque³
Maria Alveni Barros Vieira⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo elencar algumas brincadeiras tradicionais comumente praticadas por meninas no semiárido piauiense entre as décadas de 1950 e 1960. Especificamente, pretendemos cartografar o contexto dos saberes e práticas das brincadeiras tradicionais, analisar a transposição da memória sobre as brincadeiras de antigamente como também investigar indícios de ocorrência de brincadeiras transmitidas ao longo do tempo. Para a feitura do trabalho, realizamos leituras das obras de Hobsbawn (1984), Siena e Menezes (2010), Moraes e Silva (2015), entre outros autores a fim de compreendermos melhor os significados de tradição, saberes tradicionais e cultura. Destacamos que essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, ancorada na metodologia histórias orais e tem como técnica de coleta de dados a entrevista em profundidade. De acordo com os resultados da investigação podemos destacar como exemplo de brincadeiras tradicionais praticadas no semiárido piauiense o *tindô*, o *anelim*, o *ramim*, as *cantigas de roda* e os *guizados*. As análises também indicaram, que essas brincadeiras aconteciam costumeiramente no turno da noite, posto que, o período diurno era reservado para as crianças contribuírem nos trabalhos do roçado e nos afazeres domésticos.

Palavras-chave: Brincadeiras tradicionais, Crianças, Semiárido piauiense, Histórico.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho, versa sobre as brincadeiras tradicionais comumente praticadas por meninas no semiárido piauiense entre as décadas de 1950 e 1960. Foi fundamental para a feitura do trabalho utilizarmos como fonte histórica as memórias de mulheres que viveram o período de suas infâncias no semiárido piauiense. Assim, conhecemos e entendemos, não somente as modalidades de brincadeiras, mas também as modificações sociais que ocorreram em relação as maneiras das crianças promoverem seu entretenimento e diversões. Como se trata de uma temática que envolve passado e presente, ergue-se os relatos de memória das pessoas mais

¹ Acadêmica de Pedagogia – Universidade Federal do Piauí – UFPI. paloma.vanessa.3956@outlook.com

² Acadêmica de Pedagogia – Universidade Federal do Piauí – UFPI marinadasilvalima@gmail.com

³ Mestre em História Social. Professor na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. duqueadauto@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação – Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI. alvenibarros@bol.com.br

velhas para com a nova realidade vivenciada nesse novo contexto histórico. E em decorrência disso, surge então a problemática de analisar quais as brincadeiras tradicionais presentes nos processos de socialização das meninas que vivenciaram suas infâncias no semiárido piauiense entre as décadas de 1950 e 1960;

Em resposta a tal questionamento, buscamos cumprir o objetivo estabelecido na proposta de investigação que foi inventariar e descrever as brincadeiras que tradicionalmente fizeram parte da infância das meninas no semiárido piauiense, através das memórias de pessoas que vivenciaram suas infâncias nas décadas de 1950 e 1960, assim como das histórias de vida registradas em livros biográficos. Dessa forma, cartografamos o contexto dos saberes e práticas das brincadeiras tradicionais, analisando transposições das memórias sobre as brincadeiras dos tempos em que brincar era um ato de descontração e interação entre crianças, jovens e adultos de uma comunidade. Apontamos também indícios das brincadeiras que são transmitidas ao longo do tempo sem mesmo haver um protocolo de intencionalidades de seus praticantes, mas rompem a barreira dos tempos e são vivificadas em períodos de festas ou encontros de amigos.

Partimos de aportes teóricos história oral, pois ela contribuiu para o desenvolvimento de uma série de técnicas e procedimentos metodológicos que auxiliam a produção do conhecimento em história (SELAU, 2004). Os dados, apresentados como resultados, foram coletados em entrevista semiestruturada como um trabalho etnográfico e antropológico, mantendo as características de diálogo entre as áreas do conhecimento acadêmico e a interdisciplinaridade desejável nas ciências sociais e humanas.

Ressalvamos, por fim, que o interesse pela temática surgiu dos estudos realizados na disciplina História da Educação no Piauí (UFPI) acerca da educação das crianças em fins do século XIX e meados do século XX. Na diversidade das inquietações emergentes sobre os saberes tradicionais dessa parte do Brasil, interessou-nos, especificamente, investigar as brincadeiras através das memórias de adultos relativas às suas infâncias ... Quando foram crianças.

METODOLOGIA

Os relatos aqui apresentados fazem parte das ações desenvolvidas no projeto de extensão *Sujeitos, Saberes e Práticas Tradicionais do Semiárido Piauiense*, vinculado ao programa de extensão *Tradições do Semiárido Piauiense* da Universidade Federal do Piauí/Picos. O desenvolvimento das atividades do programa/projeto teve início em março de 2018 quando realizado o curso de extensão *História e História da Educação* a fim de proporcionar aos alunos que participariam do programa de extensão conhecimentos científicos

sobre as técnicas de coletas de informações através da história oral e história de vida dos atores sociais a serem mapeados.

Ainda na primeira metade do ano de 2018 foram realizadas mais duas oficinas de extensão: a primeira sobre práticas metodológicas da história oral (entrevistas com pessoas da terceira idade) e a produção de documentários. Na segunda metade de 2018, cuidamos em realizar as leituras de Hobsbawn (1984), Siena e Menezes (2010), Moraes e Silva (2015), entre outros autores a fim de compreendermos melhor os significados de tradição, saberes tradicionais e cultura.

Por esse mesmo período identificamos pessoas reconhecidas nas comunidades como sujeitos mantenedores de saberes e práticas tradicionais com elaboração do cadastro (nome, endereço, atividades, telefone para contato) para contatos posteriores. Tempo em que também estruturamos o roteiro das entrevistas em 4 (quatro) eixos: a) trajetória de vida dos mestres; b) saberes e práticas tradicionais do seu domínio; c) formas de aprendizagem; d) formas de ensinamento e aprendizes. Conforme autorização do entrevistado por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas puderam ser gravadas e/ou filmadas, além de fotografadas.

A análise dos dados percorreu 3 (três) etapas: pré-análise dos questionários, exploração do material obtido e tratamento dos resultados com inferências e interpretações à luz da literatura teórico-metodológica selecionada. Por esses procedimentos nos foi possível organizar os resultados da pesquisa em subdivisões distintas, mas que dialogam entre si como o cenário histórico do período das infâncias relatadas; as trajetórias dos sujeitos entrevistados (o perfil das partícipes); as sociabilidades lúdicas possíveis a essas crianças (as brincadeiras).

Convém ressaltar que para a construção desse artigo científico fizemos a opção de apresentar os resultados obtidos com as entrevistas semiestruturadas com 3 (três) moradoras da macrorregião que tem a cidade de Picos (PI), como centro de convergência comercial e educacional. As mulheres entrevistadas foram identificadas no corpo do trabalho pelos pseudônimos de Menina 1, Menina 2 e Menina 3.

DESENVOLVIMENTO

Quando abordamos temas relacionados às tradições culturais de uma comunidade ou de uma região raramente fazemos alusão ao universo das brincadeiras infantis. De fato, as tradições culturais são comumente analisadas na perspectiva do sujeito histórico adulto, então compreendido como principal agente de produção e transmissão do patrimônio cultural. Em

estudos que tratam da história de crianças e infâncias, Müller (2007), afirma que a criança não se registra sozinha, a sua história geralmente é revelada pelo adulto, o que se conta é o que o adulto registra em ambiente público.

Aqui também prevalecerá a fala do sujeito histórico adulto, todavia, a recolha das suas memórias sobre a infância nos permitiram a restituição do elenco de brincadeiras por ele vivenciadas através de processos de evocação da criança que fora um dia. Afinal, sobressaíram em suas memórias as relações com os pais, com os irmãos, mas, principalmente, as relações com seus pares nos momentos de lazer que incidem no contexto das atividades e saberes tradicionais transmitidos de geração em geração.

Assim como outras tradições passadas, compreendemos que as brincadeiras de crianças também fazem parte do universo de saberes e fazeres que envolvem a preservação da cultura de um povo. Nesse sentido, buscamos respaldo teórico em Hobsbaw (1984, p.10), quando afirma que as tradições se caracterizam por “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras táticas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição”. Em suas práticas sociais, a tradição é repassada de geração a geração dando origem à diferentes tipos de tradições, a exemplo daquelas divulgadas através das brincadeiras infantis.

Por conseguinte, compreendemos que o brincar das crianças do semiárido piauiense em meados do século XX, fazem parte de um conjunto de saberes tradicionais que ainda não possui um processo universalizado de levantamento e registro. Trabalhamos, pois, com o entendimento de Siena e Menezes (2010) acerca do conhecimento tradicional como um conhecimento empírico, desenvolvido e transmitido por sequências de gerações através da cultura local vigente dentro de um processo de espaço e tempo determinados, no nosso caso, a infância no semiárido piauiense entre os anos de 1950 e 1960.

Nesse sentido, ancoramos nossa metodologia de pesquisa na história oral, considerando que a memória, mesmo quando evocada por um indivíduo tem como base fundamental o grupo social, com o qual a mesma foi compartilhada. Conforme entendimento de Selau (2004) só retêm do passado aquilo que ainda é capaz de viver na consciência do grupo que a mantêm, mesmo que sujeita a transformações mediadas pelo presente em que o grupo vive, afinal, a memória é uma construção do passado em constante evolução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cenário da ludicidade

As brincadeiras populares fazem parte da cultura brasileira e foram criadas pelas pessoas ao longo do tempo sendo transmitidas de geração para geração. Em estudos realizados acerca da história das brincadeiras no Brasil, Altman (1999) correlaciona as influências de diversas culturas lúdicas de países africanos através dos escravos, dos nativos brasileiros e dos colonos portugueses nas práticas lúdicas experimentadas pelas crianças em várias partes do Brasil, aí incluso o semiárido piauiense.

Procedentes de diversas culturas, as brincadeiras em solo brasileiro, tem seus desdobramentos com as subsequentes modificações regionais e até sociais. Conforme o entendimento de Altman (1999, p. 251) “ Os jogos coletivos vão se multiplicando, acrescidos também, e principalmente, pelo folclore das imigrações, com a inclusão de jogos tradicionais que atravessam fronteiras e gerações”.

Segundo Duarte (1991), até meados do século XX, a cidade de Picos consistia em um pequeno núcleo urbano modesto e pacato, integrado ao ambiente rural, mas cujo comércio e estrutura escolar atraía pessoas das municipalidades vizinhas. Nos conta o autor, que até a década de 1960, 83,7% da população picoense vivia na zona rural resguardando a frequência na cidade para os dias de feira (sábado) e missas na igreja católica (domingo). As atividades de comércio e lazer se confundiam no espaço da praça Félix Pacheco. A rua era percebida como uma extensão das casas, ali se realizavam jogos e brincadeiras da infância das nossas entrevistadas.

Os relatos dos sujeitos partícipes da pesquisa nos apresentam um recorte temporal bem definido nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Compreender esse tempo histórico nos permitirá conhecer as condições que permitiam o brincar. De fato, nas décadas de 1950 e 1960 do século XX, a rua ainda era o *locus* privilegiado para as brincadeiras coletivas que se desenvolviam nos centros urbanos das municipalidades da macrorregião de Picos (PI) em correlação aos terreiros das casas das zonas rurais, sempre exigindo um número considerável de crianças para a sua realização.

O perfil sóciodemográfico das meninas

As três partícipes da nossa investigação, nascidas em princípios das décadas de 1940 e 1950, passaram suas infâncias na zona urbana da cidade de Picos, no povoado de Coivaras, município de Pio IX e no povoado de Poço Verde, municipalidade de Padre Marcos. Suas trajetórias de vida confirmam o caráter urano-rural das cidades naquele período, posto que, duas

delas declaram ter sido agricultoras e dona de casa, enquanto a Menina 2 exerceu a profissão de lavadeira e passadeira de roupas.

As 3 (três) entrevistadas declararam o estado civil de casadas e mães de uma prole peculiar para os dias atuais, porém comum no período em estudo, a saber: a Menina 1 teve 9 (nove) filhos, a Menina 2 8 (oito) filhos e a Menina 3 10 (dez) filhos. Superaram a trajetória de de suas mães considerando que a primeira teve 6 (seis) irmãos, a segunda 4 (quatro) irmãos e a terceira 7 (sete) irmãos.

No que tange a escolaridade, a Menina 1 foi alfabetizada, a Menina 2 se declara analfabeta, enquanto a Menina 3 cursou até a 3ª série do 1º grau. As razões elencadas para a pouca ou nenhuma frequência escolar encontram-se vinculadas às necessidades de ajudar nos trabalhos domésticos e, por vezes, nos trabalhos do roçado. A Menina 3 bem expressa essa situação:

Foi com dez anos (de idade) que foi a primeira vez. Passei um mês.... Não passei nem um mês, passei duas semanas de escola, aí aprendi a ler o A, B, C, as sílabas, a carta de nomes, já comecei a ler foi cartilha, tinha uma história de cartinha. Aí pronto, fiquei nisso mesmo, eu não estudei o mês porque minha mãe adoeceu do pé e eu tinha que ficar em casa fazendo as coisas, os mandadinhos dela. Eu era menina, mas fazia os mandadinhos dela. (MENINA 3, 2018, p. 2).

Ao analisar as histórias de vida das três participantes da pesquisa, nos foi possível compreender as relações entre as sociabilidades lúdicas com a educação informal na forma como trabalhada por Gohn (2006, p.29) que considera essa modalidade educativa como um processo de aprendizagem realizado fora do contexto-escolar, carregado de valores próprios, de rituais de pertencimento e de transmissão de conhecimentos tradicionais herdados.

As sociabilidades lúdicas

Em suas lembranças da infância, as nossas entrevistadas revelam que a principal recordação está relacionada às brincadeiras e ao trabalho. A Menina 1, por exemplo recorda ter brincado com bonecas até os 12 (doze) anos de idade e compreendia como lazer a frequência na escola onde conviviam com outras crianças e a participação nos rituais litúrgicos da Igreja católica pelo mesmo motivo. A Menina 2, relata que sua infância não teve espaço para as brincadeiras, mas tão somente para o trabalho na roça revesado com os cuidados com os irmãos menores, mesmo assim aprendeu a dançar. Já a Menina 3 afirma que o que mais fazia na infância era brincar, mas quando pequenina, depois intercalava as brincadeiras com os serviços na roça e domésticos, conforme dito em depoimento:

Na infância era mocinha nova né! Pequenina era só brincar mesmo. Era uma danação para brincar de boneca, fazia as roupas da boneca, as casinhas de boneca, pra brincar (...) Depois de maiorzinha era só trabalhar na roça, fazer um crochê, um bordado, um ponto cruz que eu fazia [...]. (MENINA 3, 2018, p. 02)

Outro destaque nas entrevistas com as nossas partícipes é a existência de um tempo para brincar que se contrapunha ao tempo para trabalhar. No período em análise parece que a crianças não tinha a liberdade de escolher o tempo para brincar, normalmente esse saber tradicional era exercido em horários fora das ocupações e obrigações com as tarefas da casa ou mesmo da lavoura como relata a Menina 3 (2018, p. 04): “Essas brincadeiras, nós brincávamos era de noite, assim, cedinho da noite... 18:00 até umas 20:00, horas, era a gente brincando nos terreiros. E mais nova era o dia todo, só quando a mãe não chamava para trabalhar”. De fato, a brincadeira era vista por elas como um grande divertimento e um descanso.

No elenco das brincadeiras citadas pelas entrevistadas, podemos relacionar 14 (quatorze) atividades praticadas pelas meninas no semiárido piauiense nas décadas de 1950 e 1960 como: brincadeiras de roda, cantigas (palendas), brincar com bonecas, estórias de Trancoso, guizados (comidinhas), esconde-esconde, pular corda, xibiu (jogo com pedrinhas), danças, tindô, ramim do amor, anelím, barata podre e rabo da gata.

A Menina 3 descreve com preciosidade o ritual de algumas dessas brincadeiras a exemplo da tindô, anelím, ramim do amor, barata podre e rabo de gato:

Ahhh, a brincadeira de tindô era de fazer um horror de jovens ali brincado em uma roda rodando, cantando música de tindô e de anelím, era assim passando uma coisa dentro da mão ou um anel mesmo ou uma pedra, o que fosse, e passava. Aí falava ‘o anel andou, andou em que mão ficou?’ ‘Aí botava na mão de um e de outro. E ramim do amor era um ramim, ramim de amor, aí diz a pessoa, que era o amor que dava a gente aí quando vinha perguntar ‘que amor eu te dei?’ Aí dizia ‘fulano’. Brincava de barata podre (risos). Dizia “barata podre, pois uma, pois duas, pois três, pois quatro” aí saía contando beliscando a pessoa, os pés de cada pessoa, aí sentava todo mundo aí contava... aí se tivesse 10 pessoas, já sabia que tinha 20 pés, era a brincadeira besta (risos). E brincava de rabo de gato. Pegava umas tirinhas, umas palhinhas de feijão ou de milho, aí fazia as tirinhas, pegava um do lado ou do outro, era um bocado, aí dizia: todo mundo calado e fulano comendo o rabo da gata. Ai o que pegasse mais fulano, ele dizia: fulano não, foi cicrano... aí ia tudinho. Corria nos terreiros, chão velho duro, eu levava tanta queda que ralava meus joelhos. Eu vivia cheia de feridas, ralada de levar queda nos terreiros para pegar o outro. Brincadeira do trisca. (MENINA 3, 2018, p. 01).

E nos permite ponderar que naqueles tempos as crianças faziam uso de muita criatividade de coisas simples do dia a dia para se divertir. A mesma dizia que:

As bonecas eram de pano, num era que nem essas bonecas de hoje em dia que é umas calugonas não, era essas bonecas de pano, nós chamávamos era as

bruxas (risos). Mãe dizia: guarda essas bruxas e vem descaroçar algodão. Era as bonequinhas de pano, eu tinha era uma cumbuca, não era nem caixa, era uma cumbuca de cabaça, cheia de boneca, cheio das bonecas deu brincar... aí eu não fazia as bonecas, eram as amigas. Era usando latas de óleo para passar o sofá, cadeira... as coisinhas da casa da boneca e a gente criava coisas com o que tinha ao redor do terreiro, as outras brincadeiras era só a gente mesmo ou um anel ou pedra. (MENINA 3, 2018, p. 04).

De acordo com Rosa, Kravchy e Vieira (2010), é por meio da brincadeira a criança aprende comportamentos, constrói conhecimento, expressa emoções e sentimentos e significa para si a cultura em que está inserida”. Em determinados espaços de trabalhadores rurais e em condições de ausência de outros meios de diversão ou lúdico essas brincadeiras ganham notoriedade no processo de desenvolvimento da criança. Através do modo particular como essas brincadeiras são transmitidas e na interação entre jovens e adultos a cultura de um povo ganha forma. Assim, aspectos de um passado longo e ou recente ganhas estrutura determinante para o desenvolvimento individual e social.

Ao serem inquiridas acerca das permanências, transmissão e valorização das brincadeiras consideradas tradicionais, as entrevistadas enfatizam o processo de diluição dessas práticas culturais na sociedade contemporânea em que predomina uma ludicidade eletrônica. Assim se expressou a Menina 2 (2018) em relação ao futuro das brincadeiras tradicionais do semiárido piauiense:

Eu só quero falar um pouco sobre as nossas brincadeiras tradicionais. Há passados... Há 66 anos que já se passaram. Eu, mesmo adolescente, ainda brincava dessas coisas, né? Dessas brincadeiras tradicionais como cantiga, brincar de roda. Sempre tinha muitas estórias que a gente ouvia nossos avós falando e aprendia também. Era muito bom, e hoje está se acabando. Por que? Hoje a gente vê [que] as crianças não querem mais brincar com essas coisas, hoje a modernização acabou com a nossa história tradicional. Ainda hoje, a gente podia ver se fosse no interior, lá no centro da caatinga, como fala na nossa linguagem. Mas hoje virou modernidade, não existe uma criança de 7, 6 anos, que [queira] brincar de roda, ela quer um celular para entrar na internet e isso é o que está terminando, acabando com a nossa tradição. (MENINA 2, 2018, p. 04).

Na mesma perspectiva a Menina 3 (2018) relata que, embora as crianças de hoje possuem tempo e recursos, acabam deixando de lado a importância desse saber tradicional e preferindo recursos tecnológicos e com isso, perde-se a oportunidade de conhecer e aprender esse passado histórico de suma importância nos dias atuais. Em suas palavras:

[...] as crianças não brincam mais não, eu, até uns 17 anos [de idade] ainda brincava, aí a gente começou a namorar e não queria mais brincar. Naquele tempo eu precisava trabalhar para comer, vestir e calçar por que era só eu e mãe, era plantando, limpando, depois era apanhando

feijão e algodão... Era assim. E os meninos de hoje é toda hora num celular, hoje em dia tem tudo na mão e não estuda, naquele tempo era tudo mais difícil. (MENINA 3, 2018, p. 05).

Diante de tais depoimentos, não poderíamos deixar de recordar as ponderações tecidas por Cascudo (2001) sobre o folclore brasileiro e, especificamente, o folclore nordestino, quando este confirma que as práticas lúdicas da criança como cantigas de roda, pião, jogo de pedrinhas, pipas, amarelinha, comidinhas, entre outras, estão entrando em declínio diante da modernidade eletrônica. Pois, sabemos que a partir da urbanização e industrialização o crescimento de transportes e construções tiveram um grau elevado e conseqüentemente influenciaram na mudança de hábitos das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que aqui relatamos delineia o processo de identificação dos sujeitos históricos que vivenciaram suas infâncias no semiárido piauiense durante o período que vai da década de 1950 a 1960. Dentre os vários aspectos por eles relatados destacam-se a relação das brincadeiras tradicionais do seu tempo de criança, que eram inúmeras e variadas ficando registrado nesse artigo 14 (quatorze) delas: brincadeiras de roda, cantigas (palendas), brincar com bonecas, histórias de Trancoso, guizados (comidinhas), esconde-esconde, pular corda, xibiu (jogo com pedrinhas), danças, tindô, ramim do amor, anelím, barata podre e rabo da gata.

Através das narrativas de três (3) partícipes foi possível compreender que havia um tempo específico para brincar correlacionado ao tempo de trabalhar, ou seja, as brincadeiras só aconteciam com maior fluidez no período noturno, quando as crianças eram dispensadas pelos adultos dos seus trabalhos no roçado e dos afazeres domésticos. Também apreendemos, que por serem de famílias sem recursos financeiros nossas entrevistadas tiveram uma infância sem brinquedos confeccionados em indústrias, forçando-as a usar da imaginação para a confecção de bonecas com sabugos de milho e\ou panos, moveis de brinquedos com latas de alumínio, palhas de feijão, pedrinhas, entre outros recursos. Não havia preocupação com os recursos e locais, o importante era o lazer e entretenimento que as brincadeiras proporcionavam.

As transmissões dessas brincadeiras eram repassadas de geração em geração, ou seja, das pessoas mais velhas para as mais novas, surgindo assim, uma certa valorização, pois essas brincadeiras acabam desenvolvendo um processo físico, intelectual, social e cultural da pessoa. Todavia, podemos concluir que essas brincadeiras foram se perdendo devido todo o processo de mudança que se deu através da globalização, fazendo com que ocorra o surgimento

de novas tecnologias. Por meio disso, acabou-se deixando um pouco de lado esse saber tradicional e atribuindo uma grande importância para os recursos tecnológicos. A perspectiva social em relação ao futuro desse saber tradicional é fazer com que ele se perpetue, evidenciando sua relevância.

De fato, as experiências lúdicas dos nossos antepassados, cujas infâncias foram vividas no semiárido piauiense constituem conhecimentos tradicionais de supra importância para uma formação mais sólida no exercício do magistério. Afinal ter contato com a realidade que nos cerca e constatar que o mundo real de onde emergimos vai além do que está escrito nos livros acadêmicos nos permitiu ter consciência do espaço geográfico que habitamos, do universo cultural que recebemos dos nossos antepassados, mas que também ajudamos a construir, a preservar e a divulgar.

Valorizar a história e a cultura das brincadeiras das gerações anteriores pode vir a ser uma forma de apresentar às crianças de hoje um conhecimento que lhe proporcionará o desenvolvimento físico, social, além de promover, como ressalva Pedrazzani, Jalatônio e Iza (2010), uma reflexão sobre o papel do idoso na formação das novas gerações. Ainda há uma história social e cultural das brincadeiras das crianças brasileiras a ser construída a partir de constatações concretas, evidenciando suas semelhanças e diversidades decorrentes das culturas regionais e locais a exemplo daquelas vivenciadas no semiárido piauiense.

Por fim, o que nos preocupa diante dos fatos aqui relatados, é entender como esse saber tradicional irá refletir no futuro diante de tantas mudanças presentes. Com isso, afirmamos que esse saber não precisa necessariamente acabar ou enfraquecer, pois o mesmo tem seu grau de importância, ou como afirma Hobsbawm (1984) o passado histórico no qual a nova tradição está inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Raquel Z. Brincando na História. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 11ª ed. São Paulo: Global, 2001.

DUARTE, Renato. Picos: verdes anos cinquenta. Recife – PE: Liber, 1991.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação. Políticas Públicas. Educação. Rio de Janeiro, v.14, nº.50, p.27-38, jan./mar. 2006.

LIMA, Maria Neuma da Silva. Maria Neuma da Silva Lima: depoimento [mai. 2018]. Entrevistadora: Marina da Silva Lima. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

MÜLLER, Regina Verônica. Histórias de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2007.

HOBSBAWM, Eric; Ranger, Terence. A invenção das tradições. Paz e Terra, Rio de Janeiro. V.1. p. 9-23, 1984. Disponível em < http://www.janduarte.com.br/textos/teoria/invencao_tradicoes.pdf>. Acesso em 05 de abr. 2018.

MORAES, Natália Noleto de Paiva e SILVA, Johnatan Costa. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?, www.psicologia.pt. 2015. Disponível em < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> . Acesso em 12 de jan. 2019.

PEDRAZZANI, Daniela Silva; JALANTONIO, Raquel; IZA, Dijanane Fernanda Vedavatto. Atividades de brincadeiras tradicionais: uma proposta em programas intergeracionais. *Revista Digital*. Buenos Aires, Nº 151, Diciembre de 2010.

ROSA, Fabiane Vieira; KRAVCHYCHYN, Helena; VIEIRA, Mauro Luís. Brinquedoteca: a valorização do lúdico no cotidiano infantil da pré-escola. *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, n. 33, ago./dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a02.pdf> . Acesso em 14 de jun. 2018.

SELAU, Mauricio da Silva. História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. N.11. Florianópolis-SC- Revista esboços V.11. 2004. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/issue/view/47> . Acesso em 27 de fev. 2019.

SIENA, O.; MENEZES, D.S. Gestão do Conhecimento em reservas extrativistas. Disponível em <http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/IIseminario/pdfpraticas/praticas> Acesso em Março, 2010 .

SOLIDADE, Antônia Francisca da. Antônia Francisca da Solidade: depoimento [marc. 2018]. Entrevistadora: Paloma Vanessa do Nascimento Silva. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

SOUSA, Almerinda Maria de. Almerinda Maria de Sousa: depoimento [jun. 2018]. Entrevistadora: Marina da Silva Lima. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.